

2

Portugal no processo de modernização na Europa do século XIX e em Eça de Queirós

A primeira tentativa de caracterização da modernidade no século XIX pode ser descrita como uma mudança de estilo, de costume de vida ou da própria organização social. Essa modernidade surge na Europa, já a partir do século XVII e sua influência veio a se tornar uma espécie de movimento mundial.

Circunscrita no tempo, a modernidade pode ser associada a um período histórico e como tal, difícil de ser analisado, por ser ao mesmo tempo, passado e presente (mesmo considerando a dificuldade de se distanciar do que se pretende analisar, reflexivamente, os rumos do hoje e do porvir, esse movimento é extremamente importante para que possamos compreender os fenômenos sociais do nosso tempo).

Profundas transformações sociais, econômicas e políticas começam a ocorrer a partir do início do século XIX. Essas mudanças formavam um *lado luminoso*, principalmente pelos que estavam, de certa forma, excluídos destas novidades. É a esta parcela excluída dos movimentos de mudança que Eça irá dedicar sua produção intelectual, seja através de seus romances, seja através de artigos, em que denunciou uma série de questões à sociedade portuguesa.

Assim sendo, a modernidade se apresenta carregada de ambigüidades, pois ao mesmo tempo em que oferece segurança, também oferece perigo; ao mesmo tempo em que oferece confiança, oferece risco. Fomos e somos acometidos por um ritmo vertiginoso de mudanças, em que os avanços da intercomunicação nos puseram e nos põe em conexão com diferentes partes do globo sem que, no entanto, o desenvolvimento das forças de produção tenha trazido uma melhora significativa na qualidade de vida dos homens. Pelo contrário, eles viviam um grande dilema em relação aos contrastes daquela época: seja na produção aflitiva da violência; seja nos surpreendentes avanços tecnológicos, em contraste com a

miséria e com o analfabetismo de grande parte da população; seja na crise dos paradigmas que, durante tanto tempo, foram tomados como verdade e que não respondiam satisfatoriamente às indagações do presente; seja no desafio de conviver com o *diferente*, com a multiplicidade de versões e na ambigüidade constante entre o que passou a ser considerado velho e ultrapassado e o novo, muitas vezes difícil de ser identificado, ou capaz de trazer dentro dele parte do velho.

Se de um lado o século XIX expunha um desenvolvimento tecnológico inglês ou um avanço nos costumes culturais e sociais da sociedade francesa, podemos perceber na obra de Eça de Queirós o relato de uma estagnação nos dois campos, o que distanciava cada vez mais Portugal do restante da Europa. Pode-se dizer que a sociedade portuguesa do século XIX é o verdadeiro objeto da observação eciana, o pretexto para o qual se volta e, a partir do qual, se desenvolve toda a obra do escritor. A minúcia e o rigor, bem como o humor e a paródia são atributos que caracterizam a forma como nos é apresentada a sociedade, retrato de uma época que o autor pretendeu moralizar, através da descrição e da representação próprias do realismo. Assim, Eça afirma sem rodeios que “os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos”⁶. E é essa *dissolução* que Eça pretende denunciar, utilizando o instrumento que maneja com maior destreza, a sua escrita.

O adultério na obra *O primo Basílio*, foco dessa pesquisa, é qualificado pelo autor como um “*ato fatal da moral moderna*”⁷, decorrente, decerto de uma série de fatores como a educação recebida pelas jovens da baixa burguesia portuguesa. A justificativa apontada é o fato de a mulher ser “*educada exclusivamente para o amor*”⁸ e não ser preparada para o mundo real.

As descrições das classes que compõem o espectro social oitocentista são tesouros de minúcia, verdadeiros “documentos históricos” que, levam em conta liberdades literárias e pontos de vista pessoais, bem como o toque de humor tão característico do autor. Através de seus escritos, o autor pretender esmiuçar, ironizar, criticar e diagnosticar as causas das mazelas que assolam Portugal, em

⁶ As Farpas, 1871. P.178.

⁷ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Volume II, Capítulo XXXIII: O problema do adultério P. 180.

⁸ *Ibidem*. P. 196.

especial Lisboa e seu corpo social. Seu alvo principal é a burguesia, para a qual sua pena e sua luneta estarão sempre apontadas e focando de modo implacável.

No século XIX, a burguesia continua em plena ascensão, afirmando-se como classe dominante no comércio, nas letras e na política. Não é, pois, de estranhar que este seja o grupo social mais atingido pela descrição e crítica eciana. Relatam-se também as suas relações com os outros grupos sociais, como se depreende do trecho abaixo:

A classe média (...) abate-se na inércia (...) O povo está na miséria (...) A burguesia proprietária de casas explora o aluguel. (...) E é sobre o operário, sobre o trabalhador, sobre o soldado, sobre o pobre que pesa a espoliação! Os srs. capitalistas tiveram o cuidado delicado de não fazer pagar nem mais 5 réis diários a quem ganha ou tem por mês de 100\$000 réis para cima: e por isso fazem pagar mais 10 réis diários a quem tem por dia de 240 réis para baixo! Isto alegra-nos profundamente. E tanto que, fundados na nossa argumentação, não deixaremos de pedir que a cidadãos tão prestantes como os ilustres fabricantes, se dê a honra de se lhes oferecer um banco na Boa Hora, com o modo mais risonho! Com o que temos o prazer de desejar as maiores prosperidades a SS. S.as, senhores do nosso respeito e espoliadores do nosso tabaco! ⁹.

As classes sociais desfilam sob os olhos atentos dos leitores dos romances de Eça de Queirós. Do Conselheiro à empregada, ninguém escapa a esta análise perscrutadora. Mais do que uma simples descrição das classes propriamente ditas, o autor mostra-nos os chamados tipos sociais.

A segunda metade do século XIX é atingida por inúmeras transformações em nível social, no que diz respeito à mentalidade da burguesia, classe que tem neste período *o seu tempo*. Assim, adquirem-se novos hábitos que mostram bem esse desenvolvimento das classes médias, hábitos estes que Eça de Queirós procura ilustrar em sua obra. É o caso das idas à praia, designadas como "idas aos banhos", que começam a ser chiques na época, tendo sido até então menosprezadas e consideradas como próprias das classes mais baixas. Encontramos referência a este fenômeno no romance *A capital*, onde são mencionadas as idas à Ericeira e também no *O crime do Padre Amaro*, onde os importantes de Leiria se encontram periodicamente na praia da Vieira para passar a estação. Não é uma novidade introduzida nos hábitos da sociedade na segunda

⁹ Ibidem. P. 199.

metade do século, mas reveste-se, na época, de uma importância considerável. É quase um rito e, como tal, não foi esquecido pelo romancista, que coloca inúmeras vezes os personagens neste cenário.

Em outras palavras, Eça procura localizar personagens e acontecimentos dentro de um espaço geográfico marcado por circunstâncias que não deixam margem para a objetividade de seus relatos. Por isso, a alusão aos serões como reuniões periódicas, normalmente semanais, em casa de pessoas ilustres são mencionadas em grande parte de sua obra. São ocasiões para se travar conhecimentos desejados e para se exibir dotes musicais ou literários. Os serões podem, então, passar-se à volta do piano, onde alguém mostra o seu talento, como acontece em *Alves & C^a*, em *A tragédia da Rua das Flores*, no *O primo Basílio* (onde encontramos muitas vezes Luiza a protagonizar estes serões), em *O crime do Padre Amaro* e também em *Os Maias*.

Além disso, são feitas referências às caminhadas ao Passeio Público, local que atualmente corresponde a uma parte dos Restauradores, o que constitui outra atividade social típica do século XIX. É lá que ocorrem determinados privilégios sociais, sendo local privilegiado de encontro da burguesia. O domingo, no entanto, é o dia em que todos têm acesso ao Passeio, local de ostentação, como comprova a criada Juliana em *O primo Basílio*: “A sua alegria era ir ao Domingo para o Passeio Público, (...) a mostrar, a expor o pé”¹⁰. E Eça acrescenta, em jeito irônico, numa descrição que pode nos remeter ao que realmente se passava na altura, “toda a burguesia domingueira viera amontoar-se na rua do meio”¹¹. Apesar da muita afluência, o escritor nota um clima geral de “abatimento e pasmaceira”¹². O Passeio Público, portanto, parece ser o local aonde se vai, na Lisboa do século XIX, para se ser visto: “(...) para tapar as bocas do mundo, foram os três para o Passeio Público”.¹³ O final de *Os Maias*, por exemplo, situa-se, estrategicamente, no que deixou de ser o “Passeio Público” para ser avenida dos Restauradores, com a inauguração do obelisco.

Além dos serões e das caminhadas no Passeio Público, outra referência cultural é o teatro. A burguesia liberal atribui grande importância social ao teatro, empreendendo, por isso, esforços no sentido de dotar o país com as infra-

¹⁰ QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. Editora O Globo, Rio de Janeiro. 1997. P. 221.

¹¹ Ibidem. P. 226.

¹² Ibidem. P. 226.

¹³ Ibidem. P. 321.

estruturas necessárias para seu desenvolvimento e manutenção. O teatro é, então, considerado como um dos “elementos mais poderosos da civilização atual”¹⁴, segundo Eça. O mais importante palco nacional é o Teatro de S. Carlos, bastante mencionado por Eça de Queirós. Os historiadores afirmam, no entanto, que o seu público permanecia mais ou menos fixo, constituído pela elite das elites dos titulares, altos funcionários, burgueses, todos os que dispunham de lugar na fidalguia, na política, no dinheiro, nas artes e letras. É esta a realidade que vemos espelhada na obra eciana. Não se vai ao teatro por causa do espetáculo, mas por causa do convívio social, está-se atento a tudo menos ao que se passa no palco. Desta forma, Eça diz que o teatro “perdeu a sua idéia, a sua significação; perdeu até o seu fim. Vai-se ao teatro passar um bocado da noite, ver uma mulher que nos interessa, combinar um juro com o agiota, acompanhar uma senhora (...)”¹⁵.

O teatro em Portugal vai acabando e as causas apontadas desta decadência são o fato de a literatura teatral se reduzir ao *Frei Luís de Sousa*, o próprio público (pelos motivos já referidos) e os atores que “não pertencem a uma arte, pertencem a um ofício” e à pobreza geral gerada pela falta de subsídios. Isso fica muito bem esclarecido quando Ernestinho, o autor da peça *Honra e Paixão* no romance *O primo Basílio*, vê-se obrigado a mudar o *grand final* de sua peça em função das pressões dos seus patrocinadores. Encontramos referências, nos romances, a representações que se realizaram de fato, como *O Profeta*, *O Trapeiro de Paris*, no D. Maria, entre outras, descritas no romance *Os Maias*.

Do mesmo modo que o teatro, a música atravessa as obras ecianas, ou melhor, as músicas que recuperam os ecos do gosto popular ou nacional, ou sucessos que passam em Portugal, vindos de França ou de Itália. A música assume-se como uma instituição social, afirmando a sua onipresença no Portugal do século XIX. Este é também um tema realista que não escapa à visão crítica de Eça de Queirós, que utiliza as peças musicas como narrativas paralelas, ilustrando e dando relevo aos fatos representados em seus romances. Em Portugal, cantava-se o fado. As alusões à canção nacional são constantes. Parece poder traçar-se a equação realista, segundo a qual, o fado seria igual à preguiça, à lentidão e ao desmazelo. O fado marca também o tempo da espera amorosa e a alegria,

¹⁴ Ibidem. P. 328.

¹⁵ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Volume I, Cap.I. P.278.

culturalmente identificado com o vulgar, com o banal. Mas também se dança a valsa, onde alguns exemplos concretos são o "*Souvenir d'Andalousie*", as obras de Strauss ou a "valsa do beijo".

A música é um código social, uma linguagem, um meio de comunicação. A sociedade burguesa, representada nas obras de Eça, pretende mostrar-se instruída musicalmente, frequenta as representações das obras de Meyerbeer, mas revela-se profundamente ignorante, quando, por exemplo, troca o nome da *Sonata Patética*, interpretada por Cruges no sarau do Trindade, n' *Os Maias*, por "*Sonata Pateta*".

O vestuário da época é também evidenciado nas páginas ecianas, sempre investido de um carácter de significado sociológico. Deste modo, os grupos sociais são caracterizados também com base na sua indumentária, o que ajuda à visualização e inserção no contexto oitocentista, bem como espelha um "tom de realidade" para o leitor. Nesse processo Eça utiliza não só a descrição das roupas, incluindo a matéria prima empregada nas peças, mas também toda a gama de acessórios que contribuem para a caracterização social dos personagens. Assim, o chapéu alto, o fraque, as luvas, os leques e o monóculo (imprescindível ao aristocrata, cuja personificação é Gonçalo Mendes Ramires ou Afonso da Maia) são sinónimos de prestígio social, sinais exteriores de riqueza.

O modo de vestir da burguesia é o mais ilustrado no romance - as senhoras usam sedas (cujo "ruge-ruge" se ouve ao longo de toda a obra de Eça), veludos, rendas e vidrilhos, enquanto os homens se distinguem pelas sobrecasacas de alpaca e jaquetões. Salienta-se o cuidado na descrição do vestuário de alguns grupos como os arrivistas, que ostentam a sua posição através de jóias, decotes, sombrinhas e folhos, sendo frequentadores de casa de alta costura, ou modistas em voga, como Laferrière ou Madame Levaillant. Os políticos também se distinguem pelo seu aspecto pomposo, "encerado", pleno de *coquetterie* (exemplificado no Conselheiro Acácio e nos Gouvarinhos).

Embora, suas principais preocupações estejam relacionadas ao estado da instrução em Portugal, em nível institucional, e ao tipo de formação individual ministrada em casa, desde o berço: "*A valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães*"¹⁶, para Eça de Queirós, que se assume como um

¹⁶ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Volume II, Capítulo XXIII: As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea. P. 848.

pedagogo genuíno, conhecer os costumes da sociedade de seu tempo é uma questão que merece destaque.

A preocupação com o insuficiente número de escolas é expressa através de personagens como Sebastião, de *O primo Basílio*. A criação do Ministério da Instrução Pública, em 1870, suscita alguns comentários pouco abonatórios por parte de Eça de Queirós. Naquele século existiam somente 2300 escolas em Portugal, o que significava que quase metade das crianças estava fora da escola. Além disso, nas escolas que existiam, as condições de ensino não eram as melhores. O escritor define o estado da instrução pública em Portugal de forma taxativa: “A instrução em Portugal é uma canalhice pública”¹⁷. Um símbolo desta degradação na instrução pública que começa nos altos dignitários é Sousa Neto, um oficial superior em *Os Maias*, que quis saber se em Inglaterra havia literatura.

Um dos pontos que pode ser destacado diz respeito aos valores que norteiam a sociedade. Eça não pretendia uma modernização no projeto urbanístico de Lisboa a exemplo do que ocorreu em Paris. O cerne que pretendia atingir dizia respeito aos frágeis valores que conduziam a sociedade portuguesa da época, principalmente aqueles relativos à educação

A valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães. O homem é "profundamente filho da mulher", disse Michelet. Sobretudo pela educação. Na criança, como num mármore branco, a mãe grava; - mais tarde os livros, os costumes, a sociedade só conseguem escrever. As palavras escritas podem apagar-se, não se alteram as palavras gravadas. A educação dos primeiros anos, a mais dominante e a que mais penetra, é feita pela mãe: os grandes princípios, religião, amor do trabalho, amor do dever, obediência, honestidade, bondade, é ela que lhos deposita na alma. [...]A criança está assim entre as mãos da mãe como uma matéria transformável de que se pode fazer - um herói ou um pulha. sentir puro.¹⁸

¹⁷ Ibidem. P. 848

¹⁸ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Volume II, Capítulo XXIII: As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea P. 232.

Uma Campanha Alegre é um conjunto de crônicas mensais de autoria de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, publicadas mensalmente na revista *As Farpas*. *As Farpas* são, assim, uma admirável caricatura da sociedade da época, que foi compilada por Eça numa coletânea que intitulou de *Uma campanha alegre*. Contudo, a opinião de Eça acerca deste seu trabalho não é muito positiva: "São uma coleção de pilhérias envelhecidas que não valem o papel em que estão impressas" e descreve-as como "unicamente um riso imenso, trotando, como as tubas de Josué, em torno a cidadelas que decerto não perderam uma só pedra, por que as vejo ainda, direitas, mais altas, da dor torpedo lodo, estirando por cima de nós a sua sombra mimosa". E escreverá ainda "todo este livro é um riso que pelega".

*In carta a Ramalho Ortigão de 24 Outubro de 1890.

A educação é tema recorrente na obra literária de Eça de Queirós, o que demonstra a sua preocupação com este eixo da formação da sociedade moderna. É notória a forma como os personagens dos seus romances são marcadas pela educação que recebem na infância. Normalmente, a uma educação mal orientada, corresponde uma personagem com uma personalidade débil, como é o caso de Eusebiozinho, em *Os Maias*, e, sobretudo Pedro, cuja fraqueza de espírito parece justificada pela educação que recebeu quando criança, marcada “pelos braços da mãe que o amoleciam, aquela cartilha mortal do padre Vasques”¹⁹ – crítica ao romantismo e à educação a cargo dos representantes da Igreja. Em suma, a educação, conjuntamente com a influência do meio social, marcam decisivamente as características individuais dos personagens que representam os diferentes segmentos da sociedade Lisboeta da época.

A crítica mais ácida de Eça, no que se refere à educação, diz respeito à importância excessiva que é dada a fatores como a moda ou a religião: as pessoas são “educadas no receio do Céu e nas preocupações da Moda”²⁰. Com efeito, várias são as personagens cuja educação vaga em torno da religiosidade ou do supérfluo.

Outro aspecto importante no que toca à educação é a oposição que Eça enfatiza entre aqueles que são educados na cidade e os que são educados no campo. Esta questão é abordada em *Uma Campanha Alegre*, nas cartas de Eça de Queirós a seus filhos e também nos romances do Autor. (basta lembrar a preparação de Carlos da Maia em contraposição com a de Eusebiozinho).

Não só no século XIX, mas desde a época das navegações que a emigração é uma constante na história de Portugal. O escritor não se furta a essa realidade, afirmando que “a emigração, entre nós, é decerto um mal.”, provocada pela “miséria, que instiga a procurar em outras terras o pão que falta na nossa.”²¹. A partir de 1855 verifica-se um aumento do fluxo emigratório, nomeadamente para o Brasil. O escritor não é alheio a este fato e caracteriza finamente aquele que vai a busca de fortuna e volta efetivamente rico, mas que é mal recebido em Portugal,

¹⁹ QUEIRÓS, Eça. *Os Maias*. Editora Nova Alexandria. São Paulo, 2000. P. 218

²⁰ QUEIRÓS, Eça. *O crime do padre Amaro*. Neolivros. Lisboa, 2006. P.98.

²¹ QUEIROES, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Vol. I, Cap. LI: O governo e a emigração. Lisboa, 1890. P. 154.

transformando-se no “grande fornecedor do nosso riso”²². Basílio é um dos que, vendo-se falido em Portugal, partiu para o Brasil, de onde volta um autêntico janota. Outros personagens emigram nos romances ecianos - Gonçalo Mendes Ramires, que parte no início da ação de *A Capital* para Macheque, na Zambézia, e um emigrante desconhecido.

Outro tipo de viagem muito comum no século XIX são as viagens de exploração, numa época em que o exotismo representava um valor fundamental devido ao mal *du siècle*, o *spleen*, o tédio. Encontramos várias personagens (além do próprio Eça, que relata a sua jornada ao Oriente em *O Egito* e em muitas notas soltas), nessa situação: Teodorico, em *A Relíquia*, que empreende uma viagem pela Terra Santa, Basílio, de *O primo Basílio*, que conta à sua prima como esteve em Constantinopla, na Terra Santa, e em Roma, e também André Cavaleiro, o cacique em *A Ilustre Casa de Ramires*, que parte para “Constantinopla, à Ásia Menor”. Encontramos também muitas referências acerca de viagens a Paris, o que faz supor um desenvolvimento considerável nos transportes e certo bem-estar social de algumas camadas da população. “Vai-se a Paris, beber do fausto, do luxo”, destino privilegiado de viagens lúdicas de muitas personagens ecianas.

A literatura é um tema presente em grande parte dos romances de Eça de Queirós. Por um lado, o autor nos oferece uma imagem, muito matizada pela sua ideologia, daquilo que se vai escrevendo em Portugal, e acaba por revelar um debate aceso na sociedade portuguesa do seu tempo acerca da oposição entre romantismo e realismo. Por outro lado, inserindo as suas personagens no seu ambiente sócio-cultural, dá-nos conta do que se lê no Portugal oitocentista e das relações das leituras com as mentalidades das classes sociais.

Eça de Queirós afirma preempitoriamente que “a literatura em Portugal está a agonizar: morre burguesmente e inspidamente(...)”²³. Desde logo se nota uma crítica cáustica a um certo gênero literário, mais conotado com uma sub-literatura. A sua descrição do tipo de escritor responsável por este gênero literário é bastante explícita: “poeta delambido, acordas as musas e adormeces a humanidade com

²² QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Vol. II, Cap. XXI: O brasileiro. Lisboa, 1872. P. 274.

²³ QUEIRÓS, Eça de. *A Capital*. Globo Editora, Rio de Janeiro, 2006. P. 78. O personagem Artur Corvelo, no romance *A Capital*, representa o poeta, classificado como portador de uma “anemia intelectual” e de um “lirismo galopante”

rimas chochas e idéias estafadas, e moral do baixo império”²⁴. Além disso, não poupa sua crítica à literatura que era feita em Portugal: “a literatura - poesia e romance - sem idéia, sem originalidade, convencional, hipócrita, falsa, não exprime nada. (...) nenhum movimento real se reflete, nenhuma ação original se espelha”²⁵.

A propósito do romance romântico escrito no país, Eça diz que se trata da “apoteose do adultério”²⁶, um autêntico “drama de lupanar”, sobre o qual “as mulheres estão derramando as lágrimas da sua sensibilidade”²⁷. O leitor do romance *O primo Basílio* pode deliciar-se com uma paródia do que se escreve em Portugal, com a obra de autoria de Ernestinho Ledesma, que se ocupa de uma peça em cinco atos intitulada *Honra e Paixão*.

O referido debate entre romantismo e realismo está presente na própria obra de Eça de Queirós. Sendo um autor que denuncia o romantismo decadente, sobretudo com o debate provocado pela Geração de 70, ele sente-se, entretanto, seduzido pelo romantismo humanitário de Antero de Quental. Este debate está inteiramente anotado no célebre episódio do jantar no Hotel Central (em *Os Maias*) em que se confrontam o personagem Ega, partidário intransigente do realismo naturalista, e Tomás de Alencar, personificação do romantismo sentimentalista (que acaba por ser o que mais dura, o mais coerente, fiel a si próprio e aos seus princípios). Nesse debate intervêm também Carlos da Maia e Craft, defensores do idealismo, da "arte pela arte", como manifestação artística suprema.

O registro das obras lidas em Portugal na época é bastante elucidativo. Nos círculos considerados intelectuais de vanguarda, como é o caso do Clube Republicano, lê-se Proudhon, Juvenal, Comte, Byron, Vigny, Darwin, e considera-se Feliciano de Castilho como um autor menor por ter se destacado no estilo romântico. Contra ele se rebelou Antero de Quental (entre outros jovens estudantes coimbrões) na célebre polêmica do *Bom-Senso e Bom-Gosto*, vulgarmente chamada de Questão Coimbrã, que opôs os jovens representantes do realismo e do naturalismo aos vetustos defensores do ultra-romantismo. Este

²⁴ Ibidem. P. 84.

²⁵ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. In: Volume I, Capítulo I: O primitivo prólogo das Farpas.: Estudo social de Portugal em 1871. P. 306.

²⁶ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Volume I, Capítulo I: O primitivo prólogo das Farpas.: Estudo social de Portugal em 1871. P. 234.

²⁷ Ibidem. P. 243.

registro denota uma mentalidade que faz apologia a idéias como o positivismo, evolucionismo, ideais laicos e republicanos, com tendências socializantes. Castilho, juntamente com Figuiier e Bastiat, são, no entanto, autores lidos por uma classe média instalada, representada por personagens como Jorge em *O primo Basílio*. A mulher burguesa também tem um tipo de leitura típica, e que por vezes conduz a comportamentos tidos como “ilícitos”. Luísa, personagem de *O primo Basílio*, suspirou na juventude com as aventuras escocesas de Walter Scott e vibra, como mulher adulta, com as venturas e desventuras de *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, autor muitas vezes atacado por Eça em seus artigos publicados n’*As Farpas*.

2.1

A representação da mulher portuguesa na obra de Eça

Acerca da condição da mulher, o autor português, Lopes Praça escreveu uma obra que percorre os diversos domínios da condição da mulher em Portugal - "*A Mulher e a Vida ou A Mulher considerada debaixo dos seus principaes aspétos*".²⁸ Em função disto, buscaremos apoiar nossas observações acerca da mulher portuguesa na sociedade oitocentista na análise minuciosa efetuada pelo autor, sem deixar de apoiar nossas considerações nos apontamentos de Eça de Queirós, uma vez que, será a partir da visão desse autor que a figura feminina irá “ganhar vida” nos romances que magistralmente escreveu.

Autores como Alexandre Herculano ou Oliveira Marreca²⁹ deram-nos da mulher uma visão muito parcial e carregada de preconceitos, sem grande inovação no seu discurso, tendo em conta a sociedade que visavam criticar. Eça, porém, deu-nos a oportunidade de ver a mulher de uma forma diversa, muito mais

²⁸ PRAÇA, José Joaquim Lopes. *A mulher e a vida ou a mulher considerada debaixo dos seus principaes aspetos*. Livraria Portuguesa e Estrangeira do Editor Manuel de Almeida Cabral, Coimbra, 1872.

²⁹ António de Oliveira Marreca foi emigrado liberal, economista de renome, escritor, professor e político português. Fez parte do primeiro diretório republicano português.

próxima da realidade em que vivia – um ser de terceira classe, cujos direitos não eram respeitados.

No decorrer da história, a figura feminina cultivou o silêncio e a submissão ao sistema tradicional vigente, sob o comando masculino. As justificativas para tal comportamento são variadas, e as análises partem das diversas influências presentes nessa relação tão complexa entre homem e mulher, construída com base em aspectos culturais, comportamentais, econômicos ou, ainda ideológicos.

Em Portugal, durante o século XIX, a mulher ainda se mantinha subordinada à tutela de um sistema patriarcal dominante, situação dominante no país ao longo de todo o século. Segundo a socióloga Suzana Stein, a família, formada por um núcleo central (patriarca, mulher e filhos) e outro periférico (composto por agregados e empregados), tinha como autoridade maior o homem, que dirigia não só os familiares, mas também as pessoas que exerciam atividades produtivas subordinadas a ele. Este dado é apontado no romance *O primo Basílio* inúmeras vezes, principalmente quando Luisa se queixa dos maus serviços prestados por Juliana e de seu desejo de dispensar os seus serviços. Jorge, desmerecendo a opinião da esposa, dá a última palavra e mantém a serviçal em função dos “bons serviços” que prestara a sua tia.

A organização familiar vigente nessa época contribuiu muito para a formação social do país, pois “desempenhou valioso papel regularizador e disciplinador”³⁰. No entanto, esse modo de viver influenciou fortemente o desempenho dos papéis sociais dos agentes masculino e feminino, marcando a posição da mulher como ser inferior ao homem.

Nesse ínterim, alguns fatores foram decisivos para que a mulher ocupasse, ao longo dos tempos, uma posição social subalterna, entre eles destacam-se o contexto educacional, as leis vigentes, as regras religiosas, a moral sexual e a própria necessidade de auto-afirmação. Além disso, aliado à influência do catolicismo, um fator primordial permeava as ações de um modo geral, determinando esta visão sobre a mulher e contribuindo para a manutenção do patriarcalismo: a influência de pensadores cujas obras alcançaram notoriedade no decorrer do século XIX, como Auguste Comte e Jules Michelet. De acordo com

³⁰ STEIN, Suzana Albornoz. *Por uma Educação Libertadora*. Editora Vozes, Petrópolis. 1985. P.22.

Maria Lucia Rocha-Coutinho,

os comportamentos de subordinação femininos ficam, então, emaranhados no cotidiano destas mulheres como forma 'natural' de organização de suas vidas diárias, sem que muitas delas tomem consciência deste fato³¹.

Nesse contexto, uma forte corrente ideológica foi defendida pelo Positivismo, no século XIX, na figura de Auguste Comte que, sintonizado com o pensamento da época, enfatiza normas de comportamento para a mulher oitocentista, preceitos que logo se difundem em vários países. Originalmente, “enquanto doutrina sobre o conhecimento (...), o Positivismo incorporou-se a outras correntes análogas, que procuraram valorizar as ciências naturais e suas aplicações práticas”.³² Desse modo, partindo do princípio de que seu destino consistia em disciplinar as forças humanas, baseado na relação contínua entre o sentimento e a razão como reguladora das atividades, a situação da mulher também foi abordada pela teoria positivista. Comte, mesmo valorizando o papel desempenhado pela “digna” mulher na sociedade e ressaltando o seu valor, não deixou de definir qual seria o comportamento ideal para essa mulher, assinalando alguns aspectos primordiais para sua conduta:

[...] o culto positivo erige o sexo afetivo como providência moral de nossa espécie. Cada digna mulher ministra habitualmente a esse culto a melhor representação do verdadeiro Grande Ser. Sistematizando a família, como base normal da sociedade, o regime correspondente faz dignamente prevalecer naquela a influência feminina, transformada, enfim, em supremo árbitro privado da educação universal. Por todos estes títulos, a verdadeira religião será plenamente apreciada pelas mulheres, logo que elas reconhecerem suficientemente os principais caracteres que a distinguem. Aquelas mesmo que a princípio deplorarem a perda de esperanças quiméricas não tardarão em sentir a superioridade moral de nossa imortalidade subjetiva, cuja natureza é profundamente altruísta, sobre a antiga imortalidade objetiva, que não podia deixar de ser radicalmente egoísta.³³

Dessa maneira, Comte foi enfático ao tratar de algumas questões relevantes sobre o comportamento feminino frente à sociedade da época. De acordo com os preceitos positivistas, é fundamental preservar-se e manter-se a

³¹ ROCHA COUTINHO, Maria Lucia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira Nas relações familiares*. Editora Rocco, Rio de Janeiro. 1994. P.94

³² COMTE, Auguste. *Curso de Filosofia Positiva* (trad. de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos). São Paulo, Editora Nova Cultural. 1993. P. 184.

³³ *Ibidem*. P.130.

mulher submissa ao homem, subordinando os instintos pessoais ao seu destino social, dedicando-se integralmente à família.

Por fim, a pouca instrução, a função restrita ao ambiente doméstico-familiar e a constante dedicação ao marido e aos filhos, ditada pela Teoria Positivista, mantêm a mulher excluída da sociedade, levando-a a pensar que toda a base comportamental indicada por Comte se constituiria “em motivos honrosos para as mulheres”³⁴, como forma de adaptação “ao serviço real da Humanidade, à qual pertencemos inteiramente”³⁵.

Nessa direção, o romance *O primo Basílio* retoma parte dessa teoria da posição subalterna feminina, com enfoque na sociedade lisboeta do século XIX. Às mulheres era reservado o espaço doméstico fechado e a administração do lar, o que, segundo Eça, as dotava de um ar doentio,

[...] as raparigas não têm saúde. Magrinhas, enfezadas, sem sangue, sem carne, sem força vital - umas padecem de nervos, outras de estômago, outras do peito, e todas da clorose que ataca os seres privados do sol. Em primeiro lugar não respiram. Os seus dias são passados na preguiça de um sofá, com as janelas fechadas; - ou percorrendo num passinho derreado a Baixa e a sua poeira. Portanto, falta de ar puro, são, restaurador. O ar da Baixa corrompe o sangue; e o ar das salas, resguardadas por cortinas ou alumiadas a gás, não tem oxigénio e portanto não alimenta. Depois, não fazem exercício. Uma inglesa tem por dever moral, como a oração, o passeio - o largo passeio, bem marchado durante duas horas.³⁶

Essa “fragilidade doentia” também é evidenciada em *O primo Basílio*, na fala de Jorge ao se referir à Luisa: “Porque ela é assim, esquece-se, não reflexiona. É necessário alguém que a advirta, que lhe diga: - Alto lá, isso não pode ser!”³⁷

Portanto, a função social da mulher restringia-se à família e à casa, a fim de que o poder representado pela figura masculina permanecesse em sua hegemonia histórica, embora, esse posicionamento não encontrasse correspondência nos estudos realizados, no século XIX, por filósofos de renome, como Marx e Engels.

³⁴ Ibidem. P. 184.

³⁵ Ibidem, P.269.

³⁶ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Volume II, Capítulo XXIII: As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea. . Lisboa, 1890. P. 257.

³⁷ QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. Editora O Globo. Rio de Janeiro, 1997. P. 50.

Estes pensadores foram os que mais contribuíram para o desvendamento das verdadeiras origens da opressão da mulher e, com isso, criaram as condições para que fossem construídos os caminhos que conduziriam à sua libertação. Um dos marcos deste processo foi a publicação, em 1884, do livro *A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado*, de Friedrich Engels.

Em meados do século XIX a “ciência da família” estava dando os seus primeiros passos quando os dois pensadores socialistas alemães se interessaram por ela. A obra pioneira neste campo havia sido *O direito Materno* de Bachofen, publicada em 1861. Nela o autor expõe, pela primeira vez e para escândalo geral, a tese de que nas sociedades primitivas, em certo período, teria predominado o matriarcado – ou seja, havia predominado a ascendência social e política das mulheres sobre os homens.

O grande mérito destas obras, publicadas nas décadas de 1870 e 1880, foi a constatação de que a família tinha história e que, ao longo dos séculos, tinha conhecido várias formas. A família monogâmico-patriarcal era apenas uma delas. Conclusão: o poder masculino e a submissão da mulher não eram eternos, como diziam as religiões e os movimentos racistas e sexistas da época.

A monogamia teria sido “fundada sob a dominação do homem com o fim expresso de procriar filhos duma paternidade incontestável, e essa paternidade é exigida porque essas crianças devem, na qualidade de herdeiros diretos, entrar um dia na posse da fortuna paterna”³⁸. Nesse contexto, segundo Engels, “somente o homem pode romper esse laço (matrimonial)”, “o direito da infidelidade conjugal fica-lhe (...) garantido pelo menos pelos costumes”. Ainda segundo esse mesmo autor, a mulher que, no século XIX conquistar sua liberdade sexual será “punida mais severamente do que em qualquer outra época precedente”³⁹. Nesta forma de casamento e de família, “aquilo que para a mulher é um crime de graves conseqüências legais e sociais, para o homem é algo considerado honroso, ou, quando muito, uma leve mancha moral que se carrega com satisfação”⁴⁰.

Desnecessário seria apresentar qualquer coisa que se assemelhe a um resumo da obra de Engels aqui tomada como pré-texto, esclarecendo que

³⁸ ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado*, Editorial Presença, Lisboa, 1974. P. 81.

³⁹ *Ibidem*. P. 81

⁴⁰ *Ibidem*. P. 81

tomamos “pré-texto” no sentido *do texto que precede*, aquilo que vem antes e serve de “mote”, de “deixa” para que uma outra narrativa possa tomar corpo e ganhar vida. O cerne da questão focalizada por Eça está na educação das jovens portuguesas da baixa burguesia, no que diz respeito, principalmente, à escolha dos livros românticos para a leitura. Além deste tópicos, o autor recupera outras questões culturais da sociedade da época como determinantes da educação feminina. Servindo-se desse *pré-texto*, Eça de Queirós constrói a sua leitura sobre um dos principais fatores do atraso da sociedade portuguesa. Ao analisar *O Primo Basílio*, que por sua vez serve-nos de pré-texto para a elaboração desta dissertação, tentamos ler a questão do adultério evidenciando as suas ligações com texto eciano na defesa de sua tese.

Na segunda metade do século XIX, temos oportunidade de assistir a um dos mais interessantes fenômenos literários, com o desenvolvimento, por toda Europa, de um surto de romances sobre o adultério, tornado-se alguns deles verdadeiras obras-primas da literatura mundial, o que se explica, pelo fato de o romance de adultério no século XIX se tornar um tipo privilegiado de romance de época e de crítica social. *Madame Bovary* e *O primo Basílio* são apenas alguns exemplos do êxito que este tipo de romance obteve junto ao público leitor na segunda metade de oitocentos.

Com efeito, no século XIX e especialmente na segunda metade, a temática do adultério feminino é uma obsessão na literatura europeia. Tony Tanner explica esta ocorrência pelo fato de que nessa época se desestruturaram os sistemas políticos tradicionais, desacreditam-se os valores burgueses e levantam-se dúvidas sobre a santidade do matrimônio e sobre a impermeabilidade das classes sociais. Diferentemente do enfoque predominantemente psicanalista, de acordo com as teorias de Freud, Lacan e Derrida, que Tony Tanner dá à sua análise do adultério, Biruté Ciplijauskaitė utiliza uma abordagem sociológica no seu estudo sobre o adultério, seguindo o princípio de Lucien Goldmann e de Lukács do tempo da escrita. Assim, a autora aponta, na segunda metade do século XIX, a coincidência da narrativa de adultério com os movimentos feministas que então se desenvolviam na Europa e na América, assinalando algumas influências que estes tiveram na situação legal das mulheres, na sua educação, nas idéias filosóficas e na prática literária.⁴¹

⁴¹ JESUS, Maria Saraiva de. *A representação da mulher na narrativa realista-naturalista*, Editora da Fundação João Jacinto de Magalhães. Aveiro, 1997. P.p.141-142.

No entanto, este enfoque do adultério feminino pelo romance naturalista-realista pode ser compreendido se integrado numa problematização mais vasta: a da situação da mulher numa época de profundas transformações sociais, nos níveis político, econômico, e cultural, onde a imagem da mulher se altera, e começa a assumir novos papéis que vão pôr em causa as normas que definiam e regulamentavam a sua função apenas como esposa e como mãe. Com efeito, a inserção social da mulher foi um importante ponto de interesse do Realismo e do Naturalismo. Opondo-se à idealização romântica e a narrativa realista-naturalista veio revelar aspectos da intimidade da mulher que até então não tinham lugar na literatura. Os temas que despertaram o interesse dos autores realistas-naturalistas mantêm estreita relação com a mulher: o amor, o casamento, o adultério, a maternidade, a educação, a vida familiar e a vida sexual. Estes temas, contudo, não interessam apenas aos escritores, eles são motivo de reflexão de outros intelectuais e são debatidos nos diversos círculos: médico, jurídico, eclesiástico e político, para mencionar apenas alguns, resultando em longos tratados sobre a fisiologia da mulher, a contraceção, a gravidez, a psicologia e o carácter femininos, os direitos da mulher; tratados esses que hoje nos fariam rir se não fossem, na sua maior parte, tão chocantes.

A questão feminina será um motivo central na obra de Eça de Queirós, não só na sua obra romanesca, como nos seus textos de carácter não ficcional, seja nos folhetins da *Gazeta de Portugal* ou nas crônicas do Distrito de Évora, seja em *As Farpas*, onde teoriza sobre a educação da mulher, debruçando-se sobre temas como a educação das raparigas, a sua preparação para o casamento e para a vida, ou mesmo sobre o adultério⁴². Entretanto, o próprio autor, reconhece não ser muito benévolo: “Que elas nos perdoem, essas gentis meninas, se a nossa pena

⁴² MACEDO, Jorge Borges. “As mulheres em Eça de Queirós”. In: *Dicionário de Eça de Queirós*, A. Campos Matos (org), 2ª ed, Lisboa, Caminho, 1988. p. 626: “[...] como se entende este debate acerca da mulher, ao longo de toda a obra queirosiana? Em primeiro lugar, à consciência da importância do desenvolvimento do papel da mulher na civilização moderna que, melhor do que ninguém, no seu tempo, em Portugal, E. Q. conheceu. A crescente responsabilidade da mulher na sociedade sua contemporânea e da necessidade de lhe encontrar um termo de equilíbrio surge claramente nos seus textos não literários, nos seus comentários ensaísticos. [...] A sua ficção reflecte, de algum modo, a insuficiência das soluções propostas pela sociedade em si mesma. Em segundo lugar, podemos ver aí, também, a influência do seu nascimento e da sua infância sobre a pessoa e sensibilidade de E. Q., de algum modo, soturna e muito mal conhecida. O reconhecimento ou legitimação da sua filiação maternal só foi levado a efeito em 1885, quando tinha quarenta anos, a três meses do seu próprio casamento e ao cabo de muitas tensões e turbulências: durante muitos anos conheceu sua mãe sem ser legitimado.”

nem sempre for glorificadora como soneto de Petrarca: mas a tinta moderna sai do poço da Verdade”.⁴³

É precisamente em *As Farpas* que Eça elabora a descrição típica da mulher de 1872, como “um ser magrito, pálido, metido dentro de um vestido de grande *puff*, com um penteado laborioso e espesso e movendo os passos numa tal fadiga que mal se compreende como poderá jamais chegar ao alto do Chiado e da vida”.⁴⁴ E continua:

“a palidez, as olheiras, o peito deprimido, o ar murcho – revelam um ser devastado por apetites e sensibilidades mórbidas. Ora entre nós as raparigas não têm saúde. Magrinhas, enfezadas, sem sangue, sem carne, sem força vital – umas padecem de nervos, outras do peito, e todas da clorose que ataca os seres privados do sol”⁴⁵.

Para Eça, portanto, as raparigas não cumprem o dever, para ele fundamental, parafraseando Taine, que é o de ter saúde, já que

[...] em primeiro lugar não respiram. Os seus dias são passados na preguiça de um sofá, com as janelas fechadas – ou percorrendo num passinho derreado a Baixa e a sua poeira. Portanto, falta de ar puro, são restaurador [...]. Depois, não fazem exercícios [...]. Aqui as que andam a pé, depois de ir a uma loja na Rua do Ouro a uma igreja no Loreto, arquejam e recolhem à pressa no ônibus. Algumas mesmo não sabem andar: escorregam, saltitam, oscilam. Depois não comem: é raro ver uma menina alimentar-se racionalmente de peixe, carne e vinho. Comem doce e alface. Jantam as sobremesas. A gulodice do açúcar, dos bolos, das natas, é uma perpétua desnutrição.⁴⁶

Há ainda um agravante, que é a moda que, segundo Eça de Queirós, “destrói a beleza e destrói o espírito”⁴⁷, uma vez que

[...] não é ela que é feita para o corpo – mas o corpo que tem de ser modificado para se ajeitar nela. [...]. De modo que para sustentar o chapéu deforma-se a cabeça; para obedecer ao *puff* torce-se a espinha; para satisfazer às botinas Luiz XV desconjunta-se o pé: para seguir o chique das cintas baixas destrói-se o busto.⁴⁸

⁴³ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Volume II, Capítulo XXIII: As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea. P. 323.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 323.

⁴⁵ *Ibidem*. P. 324.

⁴⁶ *Ibidem*. p. 324-325.

⁴⁷ *Ibidem*. P.327.

⁴⁸ *Ibidem*. P. 326.

Eça encontra ainda nas meninas de Lisboa oitocentista outros males para além da fraqueza do corpo: “ Depois da anemia do corpo, o que nas nossas raparigas mais impressiona – é a fraqueza moral que revelam os modos e os hábitos”⁴⁹, o que se verifica no “andar de uma menina portuguesa, arrastado, incerto, hesitante, mórbido: sente-se aí logo a indecisão, a timidez, a incoerência.”⁵⁰. Em suma são preguiçosas, medrosas, sem decisão, sem iniciativa, sem nenhuma ação, o que faz delas péssimas companheiras para o homem moderno que, não sendo “um trovador ou um contemplativo, nem um sultão para ter aninhadas, em fofas almofadas, huris⁵¹ perfumadas; mas um trabalhador que precisa ganhar o pão, arcar com todas as durezas da vida”⁵², necessita de uma mulher forte, ativa e decidida. Mas Eça não atribui a culpa às pobres raparigas, antes à educação, aos hábitos e costumes, à forma como se lhes dão a conhecer a religião e os deveres morais e humanos, o que o leva a condenar, a família, a sociedade e até a vida nos meios urbanos, defendendo a educação no mundo rural, onde, desde a mais tenra idade, a criança, em contato com a natureza e com os fatos da vida “habitua-se a estar sobre si, perder o medo, sabe defender-se, tem acção, decide-se”⁵³.

Esta “farpa” sobre a educação feminina, datada de Março de 1872, vem na seqüência de uma outra datada de Junho de 1871 sobre o poder político, na qual Eça havia já inserido algumas considerações muito contundentes sobre as mulheres. Criticando a decadência do Estado e das instituições, dos costumes e a corrupção dos princípios, atribui a falta de carácter feminino a essa decadência em que se encontra a nação portuguesa em todas as suas vertentes: “As mulheres vivem nas conseqüências desta decadência”⁵⁴. No entanto, o autor português reconhece que

[...] no fim de tudo, as mulheres virtuosas, as mulheres dignas formam ainda na sociedade portuguesa, uma maioria inviolável! Se alguma coisa podemos dizer profundamente verdadeira é – que elas valem muito mais do que nós.⁵⁵

⁴⁹ Ibidem. P.326.

⁵⁰ Ibidem. P.328.

⁵¹ “Cada uma das virgens extremamente belas que, segundo o Alcorão, hão de desposar, no Paraíso, os fiéis mulçumanos”. In: Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI.

⁵² QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa. Livros do Brasil, s/d. Volume II, Capítulo XXIII: As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea. P.329.

⁵³ Ibidem. P. 336.

⁵⁴ Ibidem. Volume I, Capítulo I: O primitivo prólogo das Farpas.: Estudo social de Portugal em 1871. P.28.

⁵⁵ Ibidem. P.28.

Esse airoso remate não lhe impede, cerca de, um ano mais tarde, tecer ferozes críticas à condição feminina dessa geração, nem de nos apresentar na sua obra ficcional uma galeria de personagens femininas tão pouco dignificante para a imagem da mulher contemporânea, pois, exceto Joaninha, de *A cidade e as serras*, todas elas manifestam uma grande inclinação para infringir as normas sociais, diluindo a solidez do lar e da família e a conseqüente estabilidade social. Apesar de ser nossa convicção de que a mulher e o seu papel na família e na sociedade constituem uma temática cara a Eça de Queirós, na opinião de Beatriz Berrini,

[...] salvo n'O Primo Basílio, não tem as mulheres a mesma importância que os homens na ficção de E.Q. Eça pôs em cena poucas personagens femininas, quase sempre as apresentou a partir de uma visão negativa exterior, e delas fez, acima de tudo, índices ilustrativos de aspectos da sociedade da sua época⁵⁶.

Desejávamos poder contestar com firmeza esta posição da estudiosa eciana, contudo, verificamos na obra de Eça não só uma predominância minuciosa representação de personagens masculinas, o que pode ser explicado pela própria estrutura social da época. Porém, não há como negar a existência de um trabalho mais cuidado no que diz respeito à sua caracterização física e psicológica, o que não significa, para nós, que não sejam estas personagens masculinas também índices ilustrativos da sociedade da sua época ou que Eça não os apresente também negativamente.

Todavia, sendo geralmente aceite que Eça de Queirós, sarcástico com todos os tipos sociais que representam na sua visão crítica sobre a sociedade portuguesa da época, é inegável que foi especialmente crítico quando fez a representação das mulheres, a avaliar pelo universo feminino de sua obra.

A produção literária e ensaística de Eça constituem, essencialmente, a exemplificação das doutrinas dominantes no século XIX. Aquilo que a muitos se afigura uma imoralidade – aceitando mesmo que a arte pura pode, algumas vezes, ser imoral – pode não ser mais do que uma surpreendente lição em prol dos “bons costumes”. *O crime do padre Amaro*, interpretado como um ataque à Igreja é, no fundo, a exaltação do sacerdócio puro. *O primo Basílio*, tema de nosso estudo, considerado por muitos como um ataque à família é, em boa verdade, a

⁵⁶ BERRINI, Beatriz. “Personagens Femininas”. In: *Dicionário de Eça de Queiroz*, op. cit., p. 704-708.

condenação do adultério ou, melhor dizendo, a condenação da influência dos ideais românticos no alicerce da família portuguesa. O romance *Os Maias*, reputado como a representação de um caso patológico pode ser, em última análise, uma sátira profunda contra certos meios posticamente aristocráticos. O que em primeiro momento pode afigurar-se uma deprimente exibição de situações culposas, destinadas a excitar a doentia curiosidade dos seus leitores, pode constituir, por antítese, a apologia do Amor ou da Paixão no seu caráter mais puro e verdadeiro. Eça converte suas “heroínas” em inquietantes símbolos amorosos, não lhes dando justamente, um destino venturoso. Todas elas sofrem, com maior ou menor violência, as penas do seu amor fatal. Amélia e Luísa morrem. Maria Eduarda parte triste, coberta de negro, para uma vida longínqua e desconhecida. Outras envelhecem de desilusão, em pleno outono sentimental. Nenhuma delas conhece a suprema ventura do verdadeiro amor. Talvez Joaninha, de *As cidades e as serras* – se esse laço cor de rosa que a uniu a Jacinto foi alguma coisa mais do que uma longa estima delicada e respeitosa. “*L’estime, la bonté, lês sentiments de theatre qui s’eclipsent d’s que lê desir, heros superbe e meprisant, fai son entréee*” – escreveu Etienne Rey⁵⁷. Eça de Queirós pode ter se aproximado desse pensamento ao representar suas personagens.

2.2 Educação e literatura

O século do romance, como ficou conhecido o século XIX, não foi muito benevolente com as mulheres, pelo menos entre alguns dos seus principais representantes. Seja Honoré de Balzac (1779-1850), Gustave Flaubert (1821-1880), Émile Zola (1840-1902), Leon Tolstoi (1828-1910), Machado de Assis (1839-1908) ou Eça de Queirós (1845-1900), todas as mulheres foram penalizadas por tentar romper com uma concepção ideologicamente marcada do seu lugar na sociedade, em contradição com a ascensão dos valores do mundo masculino e

⁵⁷ Dramaturgo e crítico literário francês, nasceu em 1879. Trecho do texto escrito por Etienne no prefácio do livro de Stendhal, publicado em 1853, intitulado *De l’amour*, no qual relata sua decepção amorosa.

burguês. Quando se conquistava um aspecto da vida social, outro se impunha como uma emergência sufocante.

Cada grande autor tratou de fazer a representação daquilo que lhe interessava, dentro dos seus planos estéticos ou ideológicos, mas nas obras dos autores citados, fica patente certa dose de um realismo sombrio ao focalizar o universo feminino. Nesse universo de valores conservadores, a morte se torna a solução para *os crimes contra a honra*. A mulher, neste sentido, carrega o peso de ser um dos tesouros mais facilmente representável ao olhar analítico de um criador de ficção que, avidamente, quer debruçar-se sobre o único objeto que ele acredita conhecer ou que julga ser o centro da atenção feminina – *a paixão*. Não é obra do acaso o grande número de romances românticos produzidos naquele período e o número cada vez mais crescente de leitoras ávidas por esse gênero literário.

Roger Chartier⁵⁸ lembra que a representação da mulher leitora, na pintura antiga, estava ligada à força da mensagem sagrada. Diversas são as imagens de Santa Ana ensinando a Virgem a ler. Assim, outro tipo de leitura, que não fosse a religiosa era mal vista. Apesar disso, as mulheres encontraram formas de burlar a vigilância a que eram submetidas e desobedeciam aos preceitos doutrinários a elas direcionados, lendo o que não lhes era permitido, de forma clandestina⁵⁹.

Em *O primo Basílio*, Eça de Queirós introduz também a questão da mulher no labiríntico mundo da sexualidade. Nesse universo, ela deixa de ser uma peça decorativa para adquirir sua forma mais humana e, por isso mesmo, muito mais próxima dos erros decorrentes de suas decisões e em contraste com a inércia social sugerida pelos romances românticos publicados até então. Assim, com a chegada do realismo a mulher sai da redoma em que a mantiveram os autores românticos e vive a paixão, no sentido de via sacra, cheia de dor.

Em *Os usos sociais da leitura*, Mauger faz uma análise sobre as práticas de leitura na França apoiando-se numa enquete feita com 24 entrevistados, entre eles 12 mulheres. Apesar da pesquisa se situar no século XX, ela ratifica que ainda existe uma pedagogia do romanesco ligada à descoberta do corpo pela leitura, “mais precisamente, a enquete mostra também que a sexualidade foi,

⁵⁸ CHQARTIER, Roger. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p. 85-86.

⁵⁹ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitora no banco dos réus*. São Paulo: Ática, 2003. P. 123.

seguidamente, descoberta pela leitura de textos (explicitamente, ou não, erótica)”.⁶⁰

A representação da leitora no século XIX se baseia numa pedagogia de leitura para o público feminino que submete a leitora ao crivo da moral religiosa. Não é concedida à leitora, na maioria das vezes, uma autonomia, uma liberdade de escolha das suas leituras. A mulher-leitora era constantemente tutelada pelo elemento masculino, voz autorizada, único capaz de discernir entre a boa e a má leitura. Quando isso não acontecia, e a mulher conseguia burlar o código do veto, ou quando era educada de forma “inadequada” pelos pais, inevitavelmente sofreria conseqüências maléficas à sua saúde, provocaria desajustes sociais e, finalmente, seria punida. Dentro de um ponto de vista de que seria preciso limitar o universo de leitura da mulher para que ela pudesse corresponder às expectativas exigidas pelo projeto nacional, as possibilidades de leituras apresentadas para as personagens eram aquelas que estavam inscritas na ordem moral e social estabelecidas. Esses *escritores-pedagogo* sustentam seus argumentos na fragilidade das personagens e na preservação de sua inocência. Na verdade, temiam o crescimento intelectual feminino, pois, a leitura poderia conduzi-las à tão desejada libertação intelectual, cultural e política.

A leitura nunca foi uma prática encorajada, pelo menos de forma generalizada, entre as classes e, muito menos, entre os gêneros. Os efeitos considerados “perniciosos” provocados pela leitura foram, durante o século XIX, os grandes responsáveis pela falta de popularização dessa prática e em grande parte, objeto de crítica, por parte dos autores, como indutores de conceitos fantasiosos e, ao mesmo tempo, responsáveis por ações reprováveis no âmbito social e moral por serem fragmentadores do núcleo familiar.

Contudo, não há como negar que os romances femininos eram um sucesso de vendas no século XIX. Os folhetins publicados nos jornais da época eram consumidos como poucos “produtos”. Isto se devia, em parte, à identificação das leitoras com o conteúdo desses romances. No que se refere à leitura feminina, de acordo com Marisa Lajolo e Regina Zilberman, no livro *A leitora no banco dos réus*, a ordem do dia era desconfiança, proibição e controles de pais e maridos que tentavam separar o joio do trigo, liberando as leituras boas, úteis, saudáveis e

⁶⁰ MAUGER POLIAK, Claude. *Os usos sociais da leitura*. Editora Nathan, Paris, 1999. P.67.

proibindo as más, frívolas e suscetíveis de desviar a leitora do bom caminho e da salvação espiritual. Ainda segundo as autoras, será nesse mesmo século, entretanto, que as mulheres começam a representar na Europa uma parcela substancial e crescente do público leitor de romances. No livro *A leitora no banco dos réus*, a prevalência da imaginação sobre a razão era o problema e o grande perigo para a família burguesa. Pais e maridos se apavoravam com a possibilidade latente de verem suas filhas e mulheres excitadas por conta de leitura de livros que provocavam paixões romanescas. Pensamentos eróticos ameaçavam a castidade e a ordem burguesa. O tema do *adultério* feminino torna-se, nessa época, o arquétipo da transgressão social na literatura. *Emma Bovary e Luisa*, personagens de Flaubert e Eça, respectivamente, são os principais estereótipos dessa temática.

Se palidez, olheiras, insônia e palpitações são suspeitíssimos efeitos de leitura para a castidade de uma donzela, leituras e sintomas se multiplicam e se agravam em *O primo Basílio*, que já se inicia em meio a uma cena de leitura: Jorge lê Luís Figuiet e Luísa passa os olhos pelo *Diário de Notícias*. O narrador cuidadoso informa, logo depois, que Jorge preferia Luís Figuiet⁶¹, Bastiat⁶² a Musset⁶³ e Dumas Filho⁶⁴, definindo-se, assim, o marido de Luísa, pela adesão a um cânone não romântico e bastante verossímil na estante de um engenheiro. Na ausência de Jorge, Luísa, pauta suas leituras pelo acervo rejeitado pelo marido: lê *A dama das camélias*, descrito como livro um pouco enxovalhado, que ela apanha por detrás de uma compoteira. À medida que o romance se desenrola, o enxovalho do volume respinga em sua leitora, não obstante as mãos de Luísa também empunhassem a impoluta *Ilustração Francesa* e a elegante *Revista dos Dois Mundos*.

Esta apresentação bastante detalhada dos livros, por entre os quais se movem as personagens ecianas, faz com que a leitura desempenhe papel importante na organização do romance, além de ser peça fundamental na caracterização das personagens. A força da leitura na composição da personagem é tal que somos informados, logo no começo da história, que Luisa lia muitos romances e mantinha uma assinatura mensal na Baixa. E mais: o narrador indicia,

⁶¹ Luís Figuiet (1819-1894) foi cientista e escritor francês.

⁶² Frédéric Bastiat (1801-1850) foi economista e jornalista francês.

⁶³ Alfred de Musset (1810-1857) foi poeta, novelista e dramaturgo francês.

⁶⁴ Alexandre Dumas Filho (1824-1895) poeta e escritor francês tornou-se célebre com o romance *A Dama das Camélias* (1848).

através de mudança nas preferências literárias de Luisa, as alterações em seus valores e comportamentos.

Confirmando o papel central que a leitura desempenha na caracterização de Luísa, é ainda a ela que o narrador recorre, em discurso indireto livre, para caracterizar diferentes estados de espírito da protagonista: numa Luisa casada, adúltera e já nas malhas da chantagem de Juliana, sobrevive a antiga leitora de W. Scott, que tem saudades da leitora romântica já que:

[...] diferente sua vida teria sido - desta agora tão alvoroçada de cólera e tão carregada de pecado! (...) Onde estaria? Longe, nalgum mosteiro antigo, entre arvoredos escuros, num vale solitário e contemplativo; na Escócia, talvez, país que ela sempre amara desde as suas leituras de Walter Scott. Podia ser nas verdes terras de Lamermoor ou de Glencoe⁶⁵.

2.3

A questão da sexualidade e a função do intelectual no século XIX

A função do intelectual na segunda metade do século XIX é, entre outras, a de intervenção crítica, analisando os conceitos e preconceitos da sociedade. A partir dessa concepção, procuraremos investigar o papel de Eça de Queirós, escritor português que integrou a Geração de 70, no projeto de modernização de Portugal e identificar os procedimentos de escrita que caracterizam sua proposta de transformação da situação de atraso social, cultural e pedagógico apontados por ele em diversos escritos. Juntamente com a análise da crítica de Eça à sociedade portuguesa, apresentaremos um breve panorama do cenário social e cultural europeu oitocentista, com o objetivo de discutir a “defasagem” de Portugal frente às grandes capitais da Europa.

O ponto de partida desta investigação continua tendo como base o romance, *O primo Basílio*, publicado em 1878. Na obra, a crítica irônica de Eça

⁶⁵ QUEIRÓS. Eça. *O primo Basílio*. Editora O Globo, Rio de Janeiro. 1997. P. 237

de Queirós se destina à pequena burguesia lisboeta que era definida primordialmente pela hipocrisia e pelo desejo de ascensão social. O presente estudo parte de um recorte da sociedade representada no romance, associado a outras obras de Eça, especialmente seus artigos e cartas, e também os textos e relatos de alguns escritores, que fornecerão suporte histórico, teórico e crítico à confecção desta dissertação.

Ao falarmos da atuação intelectual de Eça de Queirós não podemos esquecer sua identificação com a proposta conceitual do *Realismo*, definido por ele da tribuna na Conferência do Casino da seguinte forma:

uma base filosófica para todas as concepções de espírito - uma lei, uma carta de guia, um roteiro do pensamento humano, na eterna região do belo, do bom e do justo, (...) é a crítica do Homem, (...) para condenar o que houver de mau na nossa sociedade. (...) É não simplesmente o expor (o real) minudente, trivial, fotográfico, (...), mas sim partir dele para a análise do Homem e sociedade.⁶⁶

Inscrever o tema da sexualidade em Portugal na esfera da *vida privada* afigura-se uma empreitada sobremodo difícil se nos ativermos ao prefácio de Georges Duby⁶⁷ ao primeiro volume da *História da Vida Privada*. Diz-se ali que o território específico da vida privada é o da familiaridade, doméstica, íntima, e que no privado encontra-se o que possuímos de mais precioso, que pertence somente a nós mesmos, que não diz respeito a mais ninguém, que não deve ser divulgado, exposto.⁶⁸

Impossível aplicar ao pé da letra semelhante definição de *vida privada* ao universo social do século XIX. Construída a partir do modelo burguês de família, a noção de *vida privada* veiculada por Duby guarda estreitas relações com a modernidade do século XIX, com o aflorar do individualismo, da urbanização, da casa enquanto refúgio do indivíduo em contraposição ao mundo público.

Diversos pesquisadores, que participam desta obra organizada por Duby, entre os quais destacamos Paul Veyne, responsável pela elaboração do volume I; Philippe Contamine, elaborador do volume III e Danielle Régner-Bohler, que elaborou o volume II, demonstraram, com efeito, que não foi desprezível a

⁶⁶ SALGADO JUNIOR, António, *História das Conferências do Casino*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar, 1930, p. 76.

⁶⁷ Georges Duby é historiador francês que tem dedicado seu trabalho a pesquisa da condição da mulher na história da humanidade. Organiza a obra *História da vida privada* em 5 volumes.

⁶⁸ DUBY, Georges. *História da vida privada Vol. 2*. Companhia das Letras, 10ª edição, 1990.

importância quantitativa de domicílios conjugais e até de domicílios chefiados por mulheres, quer em áreas periféricas, quer em regiões diretamente vinculadas à economia exportadora. Demonstrou-se, também, que no seio da população o poder exercido pelo clero tornou viável a constituição de famílias à moda cristã.

Faz-se necessário, portanto, divorciar a noção de privacidade da noção de domesticidade. As casas, fossem grandes ou pequenas, estavam abertas aos olhares e ouvidos alheios, e os assuntos particulares eram ou podiam ser, com frequência, assuntos de conhecimento geral. Não resta dúvida de que o território da sexualidade era bem menos privado do que se poderia supor, distanciando-se largamente dos padrões supostamente vigentes nos dias de hoje.

Não por acaso, vale frisar, as principais fontes que permitem conhecer, com alguma sistemática, o universo das intimidades sexuais naquele período da história de um Portugal ainda rural são as fontes produzidas pelo poder, especialmente pela justiça eclesiástica ou inquisitorial, sem falar na correspondência jesuítica, tratados de religiosos e sermões. Refiro-me, aqui, às visitas diocesanas e aos processos do Santo Ofício, tribunal que além de cuidar dos “erros de fé” propriamente ditos, imiscuiu-se também no campo sexual, assimilando o que considerava “fora da norma” às heresias.

As fontes da Igreja e da Inquisição mostram-se riquíssimas para aproximar o historiador das intimidades vividas no passado. Possuem, é certo, algumas fortes limitações, a exemplo da linguagem escolástica que lhes dá forma, dos filtros e cifras antepostos pelos juízes inquiridores, e da própria situação constrangedora que envolvia os depoimentos, seja os dos que delatavam por exigência das autoridades, seja os dos que confessavam seus desvios por temerem os castigos do Céu e da Terra.

Se já não é fácil dimensionar a vida privada numa remota fase rural portuguesa, mais difícil é decifrar os aspectos específicos da sexualidade na esfera estrita da privacidade, da intimidade dos casais e amantes. A contrariar ou mesmo distorcer essa atitude quase *voyeurista* do pesquisador, se assim podemos chamá-la, coloca-se a distância temporal e, conseqüentemente, as enormes diferenças existentes entre a cultura material e os estilos sexuais vigentes nos séculos XVI, XVII ou XIX e aqueles dos tempos atuais. Pois se é certo que o encontro sexual de corpos pode guardar algumas constantes que chegam a ser *a-históricas*, muitas atitudes do passado, atualmente consideradas extravagantes ou mesmo aberrantes,

podiam ser corriqueiras naquele tempo, ao passo que outras, pueris ou simplórias aos olhos de hoje, podiam conter boa dose de erotismo e de erro fatal, como no caso do adultério de Luisa, ou no embate entre *Honra e Paixão*.

Dir-se-ia hoje que o sexo é algo que diz respeito ao indivíduo, a seus sentimentos e inclinações, assunto de foro íntimo e absolutamente privado. É quase pueril dizer que, neste sentido - e exceto pelas posições das Igrejas e seitas religiosas -, a vida sexual não depende de Deus, símbolo da *honra*, ou do Diabo, símbolo da *paixão*, nem precisam os amantes comunicar-se com o *Além* a propósito de suas relações sexuais. Nos séculos que vão até o XIX, o assunto era vivenciado de forma muito distinta. A Igreja considerava a sexualidade matéria de sua alçada, elevando à categoria do sagrado o sexo conjugal voltado para procriação e lançando tudo o mais ligado ao desejo e à paixão no domínio diabólico ou mesmo herético.

Usemos como exemplo o caso de um homem italiano, que matara sua mulher por adultério. Fora denunciado não pelo assassinato da esposa, coisa que os Tribunais autorizavam (aos maridos traídos), e disso não cuidava o Santo Ofício, apesar de dar seu “santo aval” à punição imposta à esposa infiel, indiferente aos Mandamentos da Igreja Católica – *Não matarás*⁶⁹. A esse propósito, o intelectual Eça de Queirós escreve um artigo, em 1872, publicado em *Uma campanha alegre*, no qual comenta a condenação de um homem acusado de ter assassinado a mulher em função do adultério.

De acordo com o artigo, um jornalista francês, chamado Mr. d'Ideville, pede a opinião de Alexandre Dumas Filho a respeito do texto que escreveu para publicação. Sobre este episódio, Eça escreve:

Provocar a pena indiscreta e aparada em bisturi do Sr. Dumas, é acordar o escândalo que dorme. Sobretudo em questões femininas: porque aí o Sr. Dumas supõe-se uma espécie de Santo Padre do amor, julga possuir a plena compreensão da mulher, saber desde as leis até às pantoufles toda a fisiologia do casamento, e ser no tempo presente um S. Tomás de alcova. De sorte que sempre que se trata de um caso sentimental, o Sr. Dumas filho entorna sobre o boulevard, como um barril de lixo, o seu depósito de observações: porque o Sr. Dumas é observador como outros são trapeiros. E de noite, com uma lanterna e um gancho, cosido com os muros conjugais, apanhando e fisingando em segredo tudo o que cai da alcova, cravos, panos revolvidos, cuias velhas, farrapos reveladores -

⁶⁹ Os Dez Mandamentos ou o Decálogo é o nome dado ao conjunto de leis que segundo a Bíblia, teriam sido originalmente escritos por Deus em tábuas de pedra e entregues ao profeta Moisés. A sexta lei dita: Não matarás.

que ele vai coligindo a sua ciência. Sabe pelo que esgaravata no lixo. E doutor - em roupa suja. (...)E o amor, o casamento, a virgindade, a maternidade, o pudor, o adultério, a mulher, saias e consciências, tudo foi sacudido, revolvido, remexido, voltado ao sol, e exposto à vil publicidade como um guarda-roupa na tristeza de um leilão. Ora a conclusão da questão era estranha: tratava-se de decidir, a sangue-frio, com argumentos e boa gramática - se os maridos deviam matar suas mulheres. O Sr. Dumas tinha dito com o charuto na boca, folheando a Bíblia - mata-a! Outros, fechando a navalha no bolso, diziam generosamente: não a mates. Alguns vaudevillistas ensinavam entre um bock e uma pilhéria -vai-a matando sempre! E outros acrescentavam, expondo que era necessário estudar mais a questão e consultar dicionários: por ora não a mates! E no entanto, de faca na mão, os maridos esperam.⁷⁰

Em 1878, não por acaso, Eça publica *O primo Basílio*, que traz à discussão justamente a questão de o marido traído ter o direito de lavar a própria honra com o sangue da esposa adúltera. Para tanto, cria um intertexto com a peça teatral *Honra e Paixão*, que logo no início do romance levanta a questão do direito do marido traído matar a esposa.

Em princípio, um leitor desavisado pode ser levado a acreditar que Eça defendia a idéia de que a *honra* devesse ser lavada com sangue. Mas, ao observarmos o recorte do artigo publicado seis anos antes, veremos que a real intenção de Eça era outra. Ou seja, a de discutir principalmente o que levava uma mulher a cometer o adultério e, com isso, implementar mudanças para que casos como o ocorrido em Paris, que gerou a morte brutal de uma mulher, fossem tratados mais seriamente, com punições à altura do crime cometido e não com uma pena de apenas cinco anos de prisão, como foi o caso.

Paralelamente, empolgados pela experiência da Comuna de Paris, os membros do Cenáculo português concebem as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, com o intuito de despertar a elite portuguesa do que entendiam ser a sua total letargia em relação ao que se passava no restante da Europa. As conferências só duraram os meses de maio e junho de 1871, proibidas, então, pelos órgãos oficiais. Nelas, Eça apresenta “A nova literatura: o realismo como nova expressão da arte”, cujo texto original desapareceu, tendo sido posteriormente reconstituído a partir dos comentários saídos na imprensa. É a primeira vez que Eça pronuncia-se de forma explícita em favor do que ficou conhecido como estética realista, ou naturalista, oriunda do meio literário francês.

⁷⁰ QUEIROS, Eça de. *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, edição Livros do Brasil, s/d. Volume II, Cap.XXXIII: O problema do adultério, Outubro de 1872. P.361.

Após a publicação da primeira versão em livro de *O crime do padre Amaro* (1876), Eça, inspirado em empreitadas de grande envergadura, como a “*Comédia Humana*”, de Honoré de Balzac, ou “*Rougon-Macquart*”, de Émile Zola, concebeu suas “*Cenas da vida portuguesa*”, que visavam retratar a sociedade portuguesa proveniente da Monarquia Constitucional, estabelecida após 1834, quando toma o poder D. Pedro IV de Portugal, ou D. Pedro I do Brasil.

Para tanto, concebeu o plano de realização das seguintes obras: *A Capital*, *O milagre do vale de Reriz*, *A linda Augusta*, *O rabecaz*, *O bom Salomão*, *A casa n.16*, *O gorjão*, *Primeira dama*, *A ilustre família Estarreja*, *A assembléia da Foz*, *O conspirador Matias*, *A história de um grande homem*, *Os Maias*. Uma passagem de olhos por sua obra, no entanto, é suficiente para constatar que os textos que Eça escreveu não correspondem, em sua maioria, àqueles inicialmente programados. O primeiro romance que publicou, como já observado, foi *O crime do padre Amaro*, publicado em 1875, na *Revista Ocidental*, depois em forma de livro em 1876 e finalmente em 1880, com a revisão definitiva. Em meio à complicada gênese desse texto, escreveu e publicou *O primo Basílio* (1878). A este se seguiram *O mandarim* (1880), *A relíquia* (1887), *Os Maias* (1888), *A correspondência de Fradique Mendes* (1890), *A ilustre casa de Ramires* (1901) e *A cidade e as serras* (1901), sendo que estes dois últimos não chegaram a ser publicados integralmente em vida.

Como se constata, as “*Cenas da vida portuguesa*” não saíram como tinham sido planejadas. Importa, entretanto, que o essencial do projeto de fato se concretizou. Se tomarmos apenas os romances publicados por Eça, veremos ali um retrato do liberalismo político e econômico que caracterizou a monarquia constitucional estabelecida em Portugal.

A versão definitiva do romance *O crime do padre Amaro*, de 1880, traz como subtítulo “*Cenas da vida devota*” e faz o retrato crítico do forte poder que a Igreja ainda tinha em Portugal, demonstrando a distância que existia entre o discurso liberal e anticlerical, propalado pela imprensa de Leiria, e o efetivo apoio que esta, no decorrer da trama, acaba dando à corrupta dominação do clero.

Em *O primo Basílio*, que tem por subtítulo “*Episódio doméstico*”, vemos retratada a pequena burguesia lisboeta, com todas as suas veleidades, ora deslumbrada pelo *glamour* das grandes metrópoles européias, como Paris ou Londres, ao modo de Luíza, ora embebida de um nacionalismo estreito e tacanho,

ao modo do Conselheiro Acácio. É uma classe que não tem valores bem definidos, sendo a condição feminina um lugar privilegiado para se constatar sua falta de referências. Daí o fim a um só tempo trágico e melancólico da protagonista Luísa, pois o discurso liberal em torno da condição feminina não tem nem entendimento claro, nem lastro na realidade.

Já *Os Maias*, subtulado “*Episódios da vida romântica*”, retrata a vida de uma família aristocrática de Portugal que, apesar da mais velha e da mais nova gerações serem bem formadas nos valores liberais, não chegam a concretizar os seus projetos, gerando um descompasso entre o que se pensa e o que se faz. A fatalidade presente no incesto entre os irmãos Carlos e Maria Eduarda transforma o que era tragédia, no mundo clássico, em acaso e comportamento cultural, no tempo histórico do romance, demonstrando que o liberalismo serviu, junto às elites portuguesas, para derrubar tabus sem colocar nada no lugar.

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo realismo foi a de resolver a relação conflituosa e ao mesmo tempo ambígua entre a verossimilhança dos fatos e a verdade dos personagens que os vivenciam.

O romance *O primo Basílio* é exemplo do realismo de escola em língua portuguesa. Um realismo programático (fechado em moldes rígidos), no qual o drama do adultério cometido por Luisa e sofrido por Jorge é encenado como centro da estrutura narrativa.

Nesse romance, a crítica de Eça é de cunho social e moral, e até certo ponto do modelo educacional sofrido pelas jovens da pequena burguesia, como já havia feito nos artigos publicados nas *Farpas* e compilados mais tarde em *Uma Campanha Alegre*. Como podemos observar, a tarefa dos intelectuais portugueses e, em particular, a de Eça de Queirós, foi a de transformar um país, sob os mais diversos pontos, atrasado, tendo como base o modelo francês de modernidade. Foi nesse sentido que Eça empunhou sua pena, ora como um intelectual militante e liberal, ora como um autor que usava a arte para defender suas teses.

Mas, sua produção irá sofrer influências conservadoras Proudhon, que de forma radical aborda a temática de gênero. Em 1858, ao falar sobre o "sexo macho", o autor francês afirma solenemente que "o sexo masculino é o produto

final da elaboração embrionária para uma destinação superior"⁷¹, restando à mulher uma posição secundária e opaca.

No desenho de sociedade libertária proposta pelo autor francês, que ficou famoso ao escrever um ensaio intitulado *O que é a propriedade*, em 1840, no qual afirma de forma categórica que “a propriedade é um roubo”, não se pode ofuscar em nome do citado “contexto da época” – figuras como Michelet e Zola, cujo desprezo pelas mulheres ocupava um espaço privilegiado em suas produções, minando muitas vezes a criação genial ou a vontade de generosidade de autores seus contemporâneos – a posição reacionária de Proudhon no que se refere a uma posição inferior das mulheres, comparando-a a uma propriedade do homem.

Uma grande contradição existe entre a sociedade libertária proposta pelo autor e o discurso apologético da organização hierarquizada da família. No sistema associativo proudhoniano, o indivíduo encontra a mestria do processo de trabalho, renunciando ao projeto culpabilizador de dominar seu próximo. Mas o reconhecimento da ilegitimidade encontra seus limites logo que se trata de organizar a família. A família proudhoniana é monogâmica e o marido, como um pai, tem o mesmo poder do “pater familias”, à maneira antiga. Assim, explicando os casos nos quais o marido poderá matar sua esposa, segundo o rigor da lei paternal. O autor aponta seis situações justificáveis: “o adultério; a impudícia; a traição; a bebedeira e leviandade; a dilapidação e roubo, e a insubmissão obstinada, imperiosa, com desprezo”⁷².

⁷¹ PROUDHON, Joseph. *La pornocratie ou les femmes dans les temps modernes*. Paris, Lacroix. 1976. P. 163.

⁷² MAUGUE, Annelise. *L'identité masculine en crise*. Paris, Rivages/Histoire. 1987. P. 131.